

**DISCURSO DE AGRADECIMENTO PRONUNCIADO EM
CRAIOVA, EM 25/04/2001, QUANDO DO RECEBIMENTO
DO DOUTORAMENTO *HONORIS CAUSA* DA
UNIVERSIDADE DE CRAIOVA, ROMÊNIA**

Ives Gandra da Silva Martins*

Magnífico Reitor, Professor Mircea Ivanescu, Eminentíssimo Professor Ion Patroiu, Ilustre Embaixador Brasileiro na Romênia, Jerônimo Moscardo, Excelentíssimo Presidente do Supremo Tribunal Federal do Brasil, Ministro Carlos Mário Velloso, Dignos Professores, Autoridades, Alunos, Minhas Senhoras e Meus Senhores:

Honra-me, sobremaneira, a distinção que recebo na Universidade de Craiova. O doutoramento *honoris causa*, outorgado a quem lecionou, em Universidades brasileiras, desde 1960, é a distinção maior que um acadêmico poderia desejar.

Vejo, todavia, no gesto generoso de Vossas Excelências, uma forma de aproximação entre dois países latinos, que, como países emergentes, lutam, num mundo globalizado, para conseguir um espaço para seu povo, para sua cultura, para seus valores comuns.

Nada obstante, aparentemente, os caminhos históricos pareçam sinalizar a diferença de seu acervo civilizatório, desde a origem, o certo é que a matriz latina de ambos naturalmente mantém um elo indissolúvel, que se fortaleceu, nos últimos dez anos.

Com muita propriedade, o eminentíssimo Embaixador brasileiro Jerônimo Moscardo declarou que, dos países forjados pelo gênio romano, o mais próximo do Brasil, é a Romênia, cujos problemas, anseios, aspirações e esperanças se identificam com aqueles que vivemos em nosso país.

Certamente, a cultura da Romênia, sendo mais antiga, com heróicos feitos em sua história, os quais foram tão bem realçados por Cláudio Lembo, tem suas riquezas próprias, embora peculiares e pertinentes à cultura latina de todos os povos que a herdaram do Lácio, da maneira de ser daquele povo que dominou o mundo ocidental e oriental, por 2100 anos.

* Professor Emérito das Universidades Mackenzie, Paulista e Escola do Comando e Estado Maior do Exército, Presidente do Conselho de Estudos Jurídicos da Federação do Comércio do Estado de São Paulo e do Centro de Extensão Universitária – CEU.
E-mail: ivesgandra@gandramartins.adv.br

O Brasil, todavia, com sua imensa potencialidade territorial e populacional – a mais populosa das nações latinas, e com o 9º produto interno bruto do mundo, segundo dados do Fundo Monetário Mundial em 1999 (por volta de 600 bilhões de dólares), estando na frente da Rússia, da Índia e perdendo, apenas, para o grupo dos sete e para a China – pode representar uma ponte de integração entre estas nações e, principalmente, com a Romênia, cuja afeto os brasileiros sentem e retribuem, com admiração e respeito.

O mundo, todavia, mudou. No livro que acabo de lançar, em solo romeno, *Uma visão do mundo contemporâneo*, procuro mostrar que, nada obstante o controle das nações mais desenvolvidas – que desejam a abertura dos mercados dos países emergentes, sem abrirem os seus mercados, em setores em que não são competitivas –, o século XXI representará a ascensão dos povos menos ricos, por força de seus mercados e da absorção crescente de tecnologias, em rapidez jamais vista no passado.

O processo não será indolor. É, todavia, irreversível, pois a população descrente, nas nações mais ricas, está a propiciar, inclusive na Europa, uma mudança de seu perfil étnico, com proles mais numerosas dos emigrantes, que de seus naturais.

E aqui me permito uma pequena digressão para expor minha pessoal visão de como este mundo está em mudança.

Carl Schmitt, na formulação de sua teoria das oposições, encontra a essência da Moral na oposição entre o bem e o mal; da Estética entre o belo e o feio; da Economia entre o útil e o inútil e da Política entre o amigo e o inimigo.

Notável constitucionalista que foi, apenas nos últimos anos sua obra foi revisitada, pois, por ter sido adepto de Hitler ideologicamente, foi hostilizado pelos pensadores de esquerda. E, por ter dele se afastado, quando se desiludiu com seu projeto alemão, foi hostilizado pelos pensadores da direita.

Somente agora, passados longos anos após os acontecimentos que levaram o mundo a uma Segunda Guerra, é que sua genialidade é reconhecida, como também os fundamentos de sua teoria constitucional.

É de se lembrar que a Alemanha sai da Primeira Guerra Mundial extremamente debilitada, mas, apesar disto, promulga a Segunda Grande Constituição social do século – a primeira foi a mexicana – em 1919, ofertando aos cidadãos direitos, que o Estado não poderia assegurar, depois de uma guerra em que os alemães foram derrotados.

Steven Webb, em seu livro sobre a hiperinflação na República de Weimar, entre outros fatores, como o mau trato à política monetária e aos “déficits” incontroláveis do Estado, reconheceu nas expectativas frustradas, apesar dos esforços governamentais em atendê-las, um dos fatores que levaram à hiperinflação controlada por Sachachk, a partir de 15 de novembro de 1923.

Tal controle, todavia, gerou um outro tipo de problema, qual seja, a recessão e o desemprego, lembrando-se que a dívida de guerra alemã fora, também, fator a agravar o processo hiperinflacionário germânico.

Alguns autores atribuem ao excessivo controle monetário o fato de a Alemanha ter tido, após 1923, inflação inferior à da França, cuja permanência, todavia, agravou sua agonia. A recessão hiperinflacionária foi substituída por uma recessão de estabilização, que terminou sendo um dos fatores determinantes da assunção de Hitler ao poder, como salvador da pátria, em face dos fracassos das políticas anteriores.

É que a hiperinflação é recessiva, pois desorganiza a economia, enquanto a superinflação, se privilegiados os mecanismos corretivos como a indexação – mal evidente, mas necessário, em alguns momentos –, permite que a economia não se desorganize em face de um permanente reequilíbrio monetário, que, todavia, tem como inconveniente a realimentação inflacionária. A Alemanha viveu, até 1923, uma hiperinflação com a economia absolutamente desorganizada. O Brasil viveu, até 1994, uma superinflação, não tendo, todavia, por força do instrumento da correção monetária, uma economia desorganizada.

Tais considerações sobre o fenômeno alemão da primeira metade do século e brasileiro objetivam mostrar que Carl Smith, ao captar a realidade pós-guerra alemã, à luz de sua concepção historicista-axiológica do poder, reconhece estarem todas as Ciências e todas as manifestações culturais e filosóficas conformadas a partir de conceitos opostos, os quais, em verdade, no mais das vezes, refletem as contradições inerentes ao ser humano.

Não deixa de impressionar-me a constante contradição entre a evolução científica e tecnológica da humanidade, em todos os campos, e a repetição monótona dos mesmos temas, dos mesmos estilos e da mesma maneira de ser do homem frente ao Poder.

A própria concepção de poder – e Helmut Kuhn não o separava do conceito do Estado, definindo-o como uma “mera estrutura do Poder” – encontra nos primeiros grandes filósofos formulações que permanecem atuais até hoje, embora não tenham sido seguidas, na prática, pelos que o detêm.

Em outras palavras, desde o nascimento das civilizações, e em todas as que se destacaram na história humana, o homem vive contradições que podem ser detectadas em manifestações mais ou menos simbólicas da luta entre o bem e o mal, entre suas virtudes e os defeitos, nas contradições internas, que terminam por se refletir nas contradições externas de atuação social e política.

A consciência de nossas indiscutíveis limitações em captar noções epistemológicas, assim como a certeza de que o conflito existe em cada homem, merece reflexão mais pragmática do que teórica, visto que a produção filosófica mundial nunca deixou de se debruçar sobre esses temas, sem que os maiores gênios tenham conseguido formular uma concepção capaz de auxiliar a redução do nível de tais oposições.

Volto, todavia, às considerações iniciais. Estou convencido que é a cultura, principalmente a viabilizada pelo ensino universitário, aquela que servirá de verdadeira cabeça de ponte para o desenvolvimento mútuo dos países emergentes. No

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

caso da Romênia e do Brasil, a cultura e tradição de um povo heróico e a juventude e a pujança de um bravo povo respectivamente, permitirá uma integração que só engrandecerá as duas nações.

E, ao receber o título de doutor *honoris causa*, de tradicional universidade romena, como é a Universidade de Craiova, sinto – apesar da modéstia do homenagem e da magnanimidade dos homenageadores – que recomeçamos a fazer história, a história da integração universitária entre Brasil e Romênia.

Dizia Fernando Pessoa, poeta da língua portuguesa, nascido no país matriz da pátria brasileira, que “tudo vale a pena, se a alma não é pequena”. E, como a alma dos romenos e brasileiros não é pequena, este esforço de integração vale a pena.

Muito obrigado.